

Acidentes por cobras corais

Artigo destaca como identificar a espécie, prevenindo futuros acidentes, além de ressaltar o que deve ou não ser feito após uma picada

CLAUDIO MACHADO



No mês de janeiro, no Rio de Janeiro, um trilheiro, ao caminhar pelas trilhas das encostas do Pão de Açúcar, se deparou com uma pequena serpente. O animal, com anéis vermelhos, pretos e brancos parece tranquilo e inofensivo. Com o objetivo de tirar uma foto, o trilheiro pega a serpente nas mãos e a posiciona em um local melhor para o enquadramento. Horas depois, ele está no CTI (Centro de Terapia Intensiva) de um grande hospital, apresentando um quadro de diplopia e início de paralisia respiratória.

Este grave acidente foi causado por uma cobra coral. As cobras corais verdadeiras (gênero *Micrurus*) são serpentes peçonhentas de hábitos fossoriais, que vivem enterradas ou sob a camada superficial de folhas e, normalmente, aparecendo quando o solo é revolvido ou

escavado ou então após chuvas fortes, quando a terra fica úmida e fofa, facilitando o deslocamento destes animais.

Apresentam cabeça de formato ovalado e recoberta na parte superior por grandes escamas simétricas, característica esta muito mais frequente em serpentes não peçonhentas do que nas peçonhentas que, geralmente, se caracterizam por apresentarem cabeça triangular e minúsculas escamas no alto da cabeça. Ou seja, as cobras corais são mais um exemplo de que o formato triangular da cabeça não caracteriza uma serpente peçonhenta, visto que elas, apesar de fortemente peçonhentas, não apresentam esta característica.

Além disto, estas espécies possuem o corpo bem adaptado à escavação. Os ossos de sua cabeça são rígidos e fortes, formando um crânio bem compacto, que funciona como uma picareta, cavando aberturas no solo. O corpo é delgado e cilíndrico e totalmente recoberto por escamas lisas. Sua cauda é curta e esta característica é que origina o nome científico do seu gênero (*Micrurus*), que em grego significa “cauda pequena” (micro = pe-

queno, urus = cauda). Vulgarmente, são conhecidas no Brasil por diversos outros nomes como: ibiboca, ibiboboca, boicorá, boipinima, boicoral, chumbéguaga e boichumbéguaga.

Seu colorido varia conforme a espécie, mas de uma forma geral, apresenta uma sequência de anéis vermelhos, pretos e brancos ou amarelos ao longo de todo o corpo. Estes anéis se completam, dando a volta desde a parte de cima no dorso (região dorsal) até a parte inferior (região ventral). Os anéis pretos podem se dispor de forma isolada ou em grupos. Quando ocorre este padrão de grupo com sequência de três anéis pretos, normalmente separados por anéis brancos, chamamos de “triádes”. Poucas corais verdadeiras não apresentam anéis vermelhos, tendo apenas anéis brancos e pretos e outras nem apresentam anéis, tendo o colorido uniformemente preto na parte de cima, com pequenas manchas amarelas no ventre.

O hábito fossorial e as alterações no formato do crânio para facilitar a escavação fez com que a abertura da boca das corais fosse reduzida. Enquanto na grande maioria das serpentes a abertura



Claudio Machado – Biólogo, Herpetólogo, PhD em Medicina Tropical; Divisão de Herpetologia, Instituto Vital Brazil, no Rio de Janeiro/RJ
herpetologia2@gmail.com

chega a 180°, nas corais esta abertura se limita a 30°. Esta diminuição no ângulo de abertura da boca das corais fez com que a alimentação ficasse restrita a pequenas serpentes, anfisbenídeos, lagartos e anfíbios sem patas.

Vale ressaltar que, algumas serpentes não peçonhentas imitam o colorido e, às vezes, até o comportamento das corais verdadeiras, sendo muito difícil para um leigo a distinção entre a coral verdadeira e a coral falsa. Na Biologia, chamamos de mimetismo quando um determinado organismo possui características semelhantes que o confunde com outro organismo de outra espécie para levá-lo a qualquer vantagem adaptativa. Estas características semelhantes podem ser encontradas no padrão de coloração, textura do tegumento, forma do corpo, comportamento ou até em complexas características químicas. Desta forma, identificar claramente qual é a coral peçonhenta e qual é a falsa que a imita, é uma tarefa bem difícil para um leigo.

PERIGO

Como vimos, as corais não possuem a capacidade de abrir muito a boca, o que não as permite desferir “botes”, como a grande maioria das serpentes peçonhentas. Entretanto, se elas não possuem um grande poder de ataque, por outro lado, possuem um excelente poder de defesa. Ao se sentirem ameaçadas normalmente escondem a cabeça e levantam a cauda, de forma enrolada, fazendo com que esta se assemelhe à região da cabeça. É muito comum que, ao se observar corais com este método de defesa, as pessoas a peguem pela cauda, possibilitando que a serpente morda na região dos dedos, causando o envenenamento. Uma outra forma de defesa que a coral utiliza é se fingir de morta ao ser surpreendida, virando-se com o ventre para cima e ficando imóvel. O ato de pegar o animal nas mãos, pensando tratar-se de uma serpente morta, permite que a coral morda nos dedos, causando o acidente.

Por possuírem um veneno extremamente potente e por sua alta letalidade, os acidentes com corais verdadeiras desde há muito vêm ocupando as atenções dos pesquisadores. No Brasil, de 2007 a 2015, foram notificados pelo SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), 1836 acidentes por *Micrurus*, sendo os estados da Bahia, Pernambuco e São

Paulo os que registraram maior número de acidentes. Embora estes dados correspondam a menos de 1% dos acidentes por serpentes no Brasil, o acidente elapídico é o mais grave deles.

O veneno das *Micrurus* é fortemente neurotóxico e as manifestações clínicas locais costumam ser discretas, como dor de intensidade variável e parestesia. O edema, quando presente, costuma ser leve, e normalmente devido ao uso de garrotes, procedimento que nunca deve ser utilizado nos acidentes por animais peçonhentos. O preocupante é a ação sistêmica do veneno, caracterizado pelas atividades pré e pós-sinápticas na junção neuromuscular, desencadeando ou o bloqueio da liberação de acetilcolina ou a competição das neurotoxinas com os receptores colinérgicos da placa terminal da junção neuromuscular, desenvolvendo uma síndrome miastênica aguda, conforme O. V. Brazil. O início das manifestações paralíticas pode surgir desde os primeiros minutos até as primeiras horas após a picada. Porém, uma vez iniciadas, as reações tendem a progredir e se agravar caso não haja tratamento adequado. Segundo F. Bucarechi *et. al.*, as manifestações iniciam-se com ptose palpebral bilateral, turvação da visão e diplopia, dificuldade de mastigação e deglutição, diminuição da força muscular e paralisia do diafragma.

CUIDADOS

O tratamento para os acidentes por esta serpente são o uso da soroterapia específica, o soro antielapídico. O soro deve ser administrado sempre em ambiente hospitalar, nos centros de atendimento especializados, por equipe médica altamente treinada. Cada estado brasileiro possui diversos centros que possuem soro e a relação destes hospitais pode ser encontrada no site do Instituto Vital Brazil (<http://www.vitalbrasil.rj.gov.br/polos.html>).

O trilheteiro citado no início deste artigo, graças à soroterapia e aos cuidados da equipe médica, evoluiu bem, sem sequelas, obtendo alta pouco mais de 24 horas após o acidente.

Acidentes por corais são comuns não só nas áreas rurais, mas também nos grandes centros urbanos. A prevenção destes acidentes passa pelo conhecimento dos hábitos da espécie e, portanto, é fundamental não manipular diretamente o animal com as mãos nuas. Profissionais

envolvidos diretamente com o meio-ambiente como guias, montanhistas, bombeiros e policiais ambientais devem ser treinados regularmente para o reconhecimento, manejo e primeiros socorros com serpentes. Infelizmente, no Brasil, os cursos de Medicina e Enfermagem também não dão o devido destaque ao tema, fazendo com que grande parte dos profissionais de saúde não tenha conhecimentos básicos sobre o que fazer em caso de acidente com animais peçonhentos.

É importante, em caso de acidente, tentar manter a calma e fazer procedimentos simples como, por exemplo, lavar o local da picada com água e manter o membro atingido elevado e procurar atendimento médico o mais rápido possível. Porém, talvez mais importante do que deve ser feito é saber o que não se deve fazer em hipótese alguma. Não se deve cortar ou perfurar o local da picada, nem apertar tentando fazer com que o veneno saia, pois o veneno é absorvido imediatamente pelas correntes sanguíneas e linfáticas e este procedimento, além de não ajudar, acaba criando mais complicações. Também não se deve amarrar o local da picada, o chamado “fazer garrotes”, uma vez que este procedimento concentra o veneno, e em serpentes cujo veneno seja necrosante, isto vai acelerar a morte do tecido, podendo levar a uma seqüela como a amputação do membro. E lembre-se também de não oferecer nenhum tipo de bebida alcoólica ao acidentado, prática infelizmente muito comum realizada por total desconhecimento sobre os acidentes.

Diversas instituições como o Instituto Vital Brazil, no Rio de Janeiro/RJ, o Instituto Butantan, em São Paulo/SP, e a Fundação Ezequiel Dias, em Belo Horizonte/MG, oferecem, regularmente, capacitações por meio de cursos e palestras, sobre animais peçonhentos.

O respeito e o cuidado com o meio ambiente somados ao conhecimento sobre a prevenção dos acidentes ofídicos por parte destes profissionais é o único caminho para que o número de acidentes diminua em todo o país e que as atividades de trabalho e lazer no contato direto com a natureza sejam realizadas com segurança. ■



Leia bibliografia completa no site
www.revistaemergencia.com.br